

J. A. PIRES DE LIMA



Ret. 11436 2.

S. Rosendo

Nun' Alvares do século X

R. 142048

EXTR. DE «OCIDENTE» — VOL. IV



1938

EDITORIAL IMPÉRIO, LDA.
151, Rua do Salitre, 155,
Telefone 4 8276 ~ LISBOA

QUATRO FOTOGRAFIAS
DO DR. LIMA CARNEIRO
SÔBRE S. ROSENDO



Fig. 1 — Actual igreja de S. Miguel do Couto



Fig. 2 — Começo da Mata da Senhora da Assunção

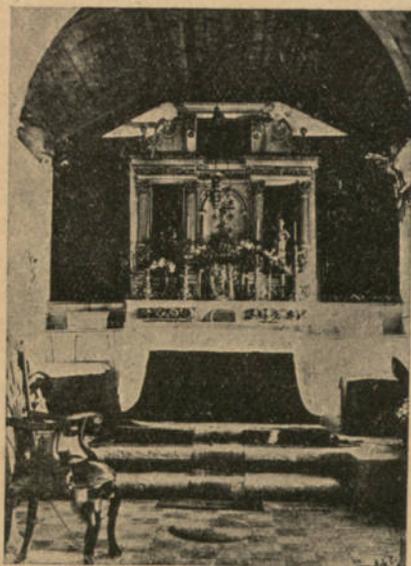


Fig. 3 — Altar mór da igreja de S. Miguel do Couto



Fig. 4 — Imagem e relicário de S. Rosendo

S. ROSENDO, NUN'ÁLVARES DO SÉCULO X

SEGUNDO Alexandre Herculano, não haveria qualquer identidade nacional entre a sociedade portuguesa e os povos que habitavam a península antes de D. Afonso Henriques. Nem as fronteiras, nem a raça, nem a língua, nem a religião dos antigos povos peninsulares teriam qualquer coisa de comum connôco. Por isso, para Herculano, começaria com o nosso primeiro rei a História de Portugal.

Depois do grande historiador, criaram-se novas ciências e outras se desenvolveram extraordinariamente, como a arqueologia, a antropologia, a etnografia, a filologia, a paleontologia, a pré-história. Só então se pôde apreciar a importância que tem para a interpretação do carácter da nossa gente e para a compreensão da nossa brilhantíssima história, o conhecimento dos variados povos que, antes de nós, habitaram o nosso território.

Escritores modernos deduziram dos seus trabalhos que a história de Portugal não poderia ser a mesma se, atrás de nós, não tivéssemos os mesmos antepassados, rudes e heróicos.

Não se deve apenas ao braço de D. Afonso Henriques e dos seus soldados a fundação do Reino de Portugal.

Os povos que, antes dêles, habitavam a Ibéria já possuíam as virtudes dos que talharam as nossas fronteiras no século XII, dos que mantiveram a nossa independência em Aljubarrota e dos que conquistaram o Império. Os nossos heróis tiveram precursores: antes de D. Afonso Henriques, houve o Cid; Afonso de Albuquerque representa, na Renascença, o espírito guerreiro de Viriato; e, ao Santo Condestável Nun'Álvares, corresponde S. Rosendo, que, cinco séculos antes, obrou prodígios semelhantes.

É muito obscura a história peninsular do século X, e bem preciso é destrinçar a história da lenda, nesse tenebroso período.

Os hagiógrafos, tanto portugueses como galegos, muito nos falam do bispo S. Rosendo, fundador do sumptuoso convento de Celanova. Não se dedicou apenas ao episcopado e à vida mística. Como sucedeu ao bemaventurado Nun'Álvares, S. Rosendo foi também político e guerreiro.

Segundo um estudo ⁽¹⁾ publicado a propósito do seu milenário, S. Rosendo, por ocasião de graves disputas entre dois pretendentes ao trono de

(1) *Antonio López y Carballeira* — San Rosendo, Santiago, 1909.

Leão e Galiza, foi, no ano de 955, encarregado do governo da Galiza, ficando com as atribuições de vice-rei de todo o território galego, que então se estendia para o Sul até ao rio Douro e compreendia, por isso, Portucale.

O seu governo durou largos anos e S. Rosendo mostrou-se um chefe exemplar, quer na paz, quer na guerra, que muito afligiu a Galiza naqueles remotos e obscuros tempos.

Durante a sua regência, realizou-se uma invasão de mouros que, atravessando o Mondego e o Douro, se estenderam pelo Minho. S. Rosendo pôs-se à frente dum exército e conseguiu expulsar os mouros, batendo-os com o maior vigor. Quási ao mesmo tempo, diz Carballeira, sobreveio outra invasão, muito mais terrível. No ano de 968, uma formidável armada de normandos, composta de mais de cem navios, surgia na costa da Galiza, com o intuito de se apoderar de S. Tiago de Compostela. Foi-lhes ao encontro, à frente dum exército de galegos, o bispo D. Sisnando, que morreu em combate. Vitoriosos, os bárbaros espalharam-se pela Galiza, destruindo tudo o que encontravam.

S. Rosendo conseguiu reunir, então, novo exército, foi em perseguição dos normandos e conseguiu derrotá-los completamente, passando a fio de espada os sobreviventes à batalha, incluindo o próprio chefe Gunderedo.

Foi depois recebido em triunfo, em S. Tiago de Compostela, sendo proclamado libertador da Galiza.

A bula de beatificação de S. Rosendo assim regista, segundo Carballeira, as duas insignes vitórias: «com a divina graça livrou Portugal da fúria dos sarracenos e a Galiza das hostes normandas».

O libertador da Galiza naqueles tempos nascera em território português. Diz, graciosamente, Camilo Castelo Branco em *Maria Moysés*: «S. Rosendo, do Pôrto, cidade que ainda não deu outro santo, nem promete».

Não pode considerar-se bem portuense o grande monje e valente capitão, pois que nasceu quatro léguas a Nordeste de Portucale, na povoação de Salas, em Monte Córdova, muito perto da actual vila de Santo Tirso.

Segundo os hagiógrafos portugueses e galegos, S. Rosendo era filho do Conde D. Gutierre Menéndes de Arias, Governador de Tui e do Pôrto e de sua mulher, a Condessa Santa Iduara.

Gutierre era de estirpe régia, riquíssimo, e herdara dos seus maiores o título de capitão-general do sul da Galiza.

Não se tinham vingado os primeiros filhos dos opulentos condes, que viviam em grande tristeza, por não terem descendência. Um belo dia, partira D. Gutierre a tomar parte no cerco de Coimbra, que ainda estava em poder dos mouros. A condessa saiu do sumptuoso palácio de Salas e subiu sôzinha a encosta de Monte Córdova, «descalços os pés, com lágrimas e soluços». Ia orar ao Salvador, rogando que lhe dêsse um filho. O Arcanjo S. Miguel annunciou-lhe que as suas preces chegaram ao trono divino e que ela teria um filho, que seria grande entre os homens e meritíssimo perante Deus.

A 26 de Novembro de 907 nasceria S. Rosendo no palácio de Salas, e, pouco depois, foi solenemente baptizado, na igreja de S. Miguel, pelo seu tio Sabarico II, bispo de Dume.

Há cinco anos, acompanhado pelo Dr. Lima Carneiro, visitei S. Miguel do Couto e Monte Córdova, a procurar vestígios da tradição popular sôbre S. Rosendo.

A pequena, mas airosa igrejinha setecentista da minúscula freguesia de S. Miguel do Couto (fig. 1) levanta-se à esquerda, numa curva da estrada que vai de Santo Tirso para o Monte da Senhora da Assunção. Começa ali a frondosa mata (fig. 2) que, há quarenta ou cinquenta anos, foi plantada por diligências do cultíssimo abade Pedrosa, de Santo Tirso. Em frente da igreja, do outro lado da estrada, numa bouça, encontra-se o pedestal mutilado dum cruzeiro: uma grande pedra, forrada de musgos e de líquenes, com tôscas gravuras rupestres.

Aos lados do altar mór da igreja (fig. 3) estão dois retábulos com pinturas em madeira, quási apagadas, bem como as respectivas legendas. A pintura do lado do Evangelho representa o Anjo S. Miguel a anunciar do Céu à Condessa Ilduara que ela conceberia o menino Rosendo neste lugar, junto à vila de Salas. Da bôca do Arcanjo sai um facho de luz em direcção à Condessa, com a anunciação da gravidez tão desejada. E, no fundo do quadro, outra legenda explicaria o significado da pintura.

Do lado da Epístola, outro quadro simétrico representa o baptismo de S. Rosendo. Vê-se um sacerdote com o Menino ao colo; à esquerda está outra figura a segurar uma tocha e à direita várias personagens assistem à cerimónia. No fundo, uma legenda, muito apagada já, informa que o quadro representa o baptizado de S. Rosendo, filho do Conde Gutierrez Arias... *celebrado nesta capela no ano de 907.*

Aos lados do Arco-cruzeiro encontra-se, à direita, o altar da Senhora do Rosário e, à esquerda, o altar de S. Rosendo.

Neste último, ao centro, sôbre um pedestal, encontra-se uma grande imagem do Santo, com mitra e báculo episcopais. À direita, mais abaixo, está uma pequena imagem, que parece a redução da primeira. À esquerda está um relicário constituído por um antebraço esculpido em madeira, coberto de roupagens e terminado pela mão, de face palmar voltada para diante e com os dois últimos dedos flectidos, como nas imagens.

No meio do antebraço, vê-se uma cavidade circular, onde estaria arquivada uma relíquia do Santo, resguardada por um vidro, que há alguns anos desapareceu, bem como a relíquia. Na fig. 4, que reproduz uma fotografia, tirada, como as outras, pelo Dr. Lima Carneiro, vêem-se as duas imagens e o relicário, que, para o efeito, foram, por momentos, tirados dos seus lugares. À esquerda da capela-mór, encontra-se uma pequena capela, que hoje serve de sacristia; e, à esquerda do corpo da igreja, há outra capela, com um grande

altar desprovido de imagens. Diz-se que, dentro dêsse altar, se encontra a pia, milagrosamente conduzida para ali, onde foi baptizado S. Rosendo. Efectivamente, consegui ver, através duma fenda do altar, uma grande pedra, que poderá ser uma pia baptismal.

Em S. Miguel do Couto, na encosta do Monte, mais acima da igreja, existe um rochedo, ainda hoje denominado *Penedo da Condessa*. Reza a tradição que ali receberia Santa Ilduara a arrenúnciação que lhe fez o Arcanjo S. Miguel. Cultiva-se ali perto um grande campo, ainda hoje denominado *Agra de Salas*; nesse campo e noutros circundantes têm-se encontrado «pedras antigas, tejos e mós de moínho». De tudo isto me informou um inteligente lavrador do lugar.

Na freguesia de Monte Córdova é, talvez, ainda mais viva a tradição de S. Rosendo. O *Penedo da Condessa*, informou-me uma mulherzinha, é atravessado por um largo sulco. Trata-se duma passagem, miraculosamente aberta através do Penedo, para que Santa Ilduara, grávida de S. Rosendo, encurtasse o caminho que tinha de percorrer.

Antigamente, em ocasiões de estiagem, era costume fazerem-se procissões de penitência, nas quais eram conduzidas imagens de santos. Uma vez, estava um calor ardentíssimo e levou-se em procissão o andor de S. Rosendo. Ao chegar à Senhora de Valinhas, a chuva era torrencial...

Reatando uma tradição antiga, muito obliterada, vão fazer-se êste ano festejos populares a S. Rosendo em S. Miguel do Couto. É mais uma prova do rejuvenescimento nacionalista que, por tôda a parte, se observa.

Vai celebrar-se o centenário do Reino de Portugal. É excelente a oportunidade para se estudarem e venerarem os heróis, os sábios e os santos que concorreram para o aparecimento, consolidação e desenvolvimento da nossa grande Pátria.

Entre êles, no primeiro plano, encontra-se o glorioso e bemaventurado Condestável D. Nuno Álvares Pereira.

Permita-se que relembre também um seu tão esquecido precursor, que viveu e morreu gloriosamente no século X: S. Rosendo ⁽¹⁾.

Ainda não existia o Reino de Portugal quando êle passou pela vida terrena; mas nasceu em território portugalense e tinha a mesma crença e o mesmo valor combativo dos companheiros de D. Afonso Henriques.

Ouso lembrar que, a propósito do Centenário, se realizem peregrinações patrióticas aos lugares dos prodigiosos sucessos que geraram a Dinastia de Avís.

Os portugueses deveriam ir, em romaria votiva, a Aljubarrota, a Coimbra, a Santarém, a Lisboa e a Almada, bem como às terras de Entre-Tejo-e-

⁽¹⁾ Lembrou o Snr. Jaime Sampaio a possibilidade de pertencerem à mesma estirpe os dois heróis.

-Guadiana, não esquecendo Olivença e Badajoz, terras onde obrou prodígios o Santo Nun'Álvares.

Outra romaria proponho que se realize para as bandas do Norte.

Aqui se rememorariam muitos factos da vida de D. João I, em lugares por onde perpassou também o heróico S. Rosendo.

No Pôrto seria visitada a Catedral restaurada, onde foi celebrado o casamento de D. João I. Seria recordada a visita soleníssima que ali fez o Rei de Boa Memória, após a sua eleição em Coimbra, bem como o nascimento do Infante D. Henrique.

Depois, a caminho de Guimarães, passar-se-ia por Santo Tirso, onde se feriu um combate entre Portugueses e o galego Fernand'Afonso de Çamora.

A dois passos da encantadora vila, fácil seria visitar S. Miguel do Couto, pitoresco local do nascimento e baptismo de S. Rosendo.

Em seguida Guimarães, com o alteroso Castelo medieval, junto de cujas muralhas seria baptizado D. Afonso Henriques e se travaria a batalha que decidiu da nossa independência. Na mesma histórica cidade minhota, há que vêr a Igreja de Nossa Senhora de Oliveira, onde D. João I foi a pé, em longuíssima romaria votiva, agradecer o êxito da Batalha de Aljubarrota.

Após esta visita, encaminhar-se-ia a caravana para o Alto Minho: chegando às margens do Rio Minho, onde se deu a desastrosa travessia a vau das hostes portuguesas, passar-se-ia por Monção, onde estacionou D. Filipa de Lencastre, e pela Ponte de Mouro, onde se deu a primeira entrevista entre D. João I e o seu futuro sogro Duque de Lencastre, origem da aliança luso-inglesa, que dura desde então.

Depois, pela estrada tão pitoresca que margina o Rio Minho, em breves minutos se chegaria a Melgaço, cuja bela tôrre de menagem recorda o combate singular de Inês Negra.

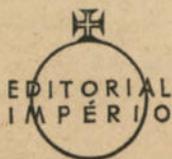
À saída de Melgaço, passar-se-ia pela encantadora ermida de Nossa Senhora da Orada, em direcção a S. Gregório, povoação fronteiriça do limite Norte de Portugal. Dali seria fácil ir até Celanova, em cujo grandioso convento, por êle fundado, repousam as cinzas de S. Rosendo.

É curioso notar que, na mesma cidade de Celanova, pátria do grande poeta galego Curros Enriequez, foi ratificado o contracto de casamento de D. João I com D. Filipa de Lencastre, pais da ínclita geração.

A visita a Celanova tinha, pois, para nós um duplo interêsse histórico.

Para terminar, passar-se-ia de novo a fronteira em Valença, recordando-se o cêrco e a conquista de Tui, no tempo do primeiro rei da Dinastia de Aviz.

E assim acabaria a patriótica jornada evocativa.



151, R. do Salitre, 155
TELEFONE 48276